

## ASSIM NO CERRADO COMO NO DESERTO

BRASÍLIA AGORA, É  
CAPITAL TAMBÉM DA SECA

Márcio Braga

Brasília/J. França

**B**RASÍLIA — “Quando o gato sai de casa, os ratos fazem a festa”. Este ditado popular se aplica, literalmente, a Brasília, que esta semana ingressa em seu período mais seco do ano, com uma umidade relativa do ar chegando a 20%. Em 1969 e 1973, nesta mesma época, ela atingiu a marca de 13%, igual à do deserto do Saara. Isso provoca uma certa indolência nos gatos, por problemas respiratórios, e contribui para a proliferação de ratos. Brasília, pelos próximos 30 dias, aliará à condição de Capital da República, a de Capital brasileira da mais baixa umidade do ar.

A secura do ar subverte a hierarquia da Corte, desrespeita cargos e patentes e faz suas vítimas indistintamente — do contínuo do mais desprestigiado Ministério, ao Presidente da República. Figueiredo, que sofre de conjuntivite, queixa-se da intensa luminosidade que penetra por todas as frestas da cidade neste período mais seco. Ele voltou, por isso, a usar um par de óculos escuros no trajeto que faz diariamente, à exceção dos fins de semana, entre a Granja do Torto, onde mora, e o Palácio do Planalto, de onde governa o país.

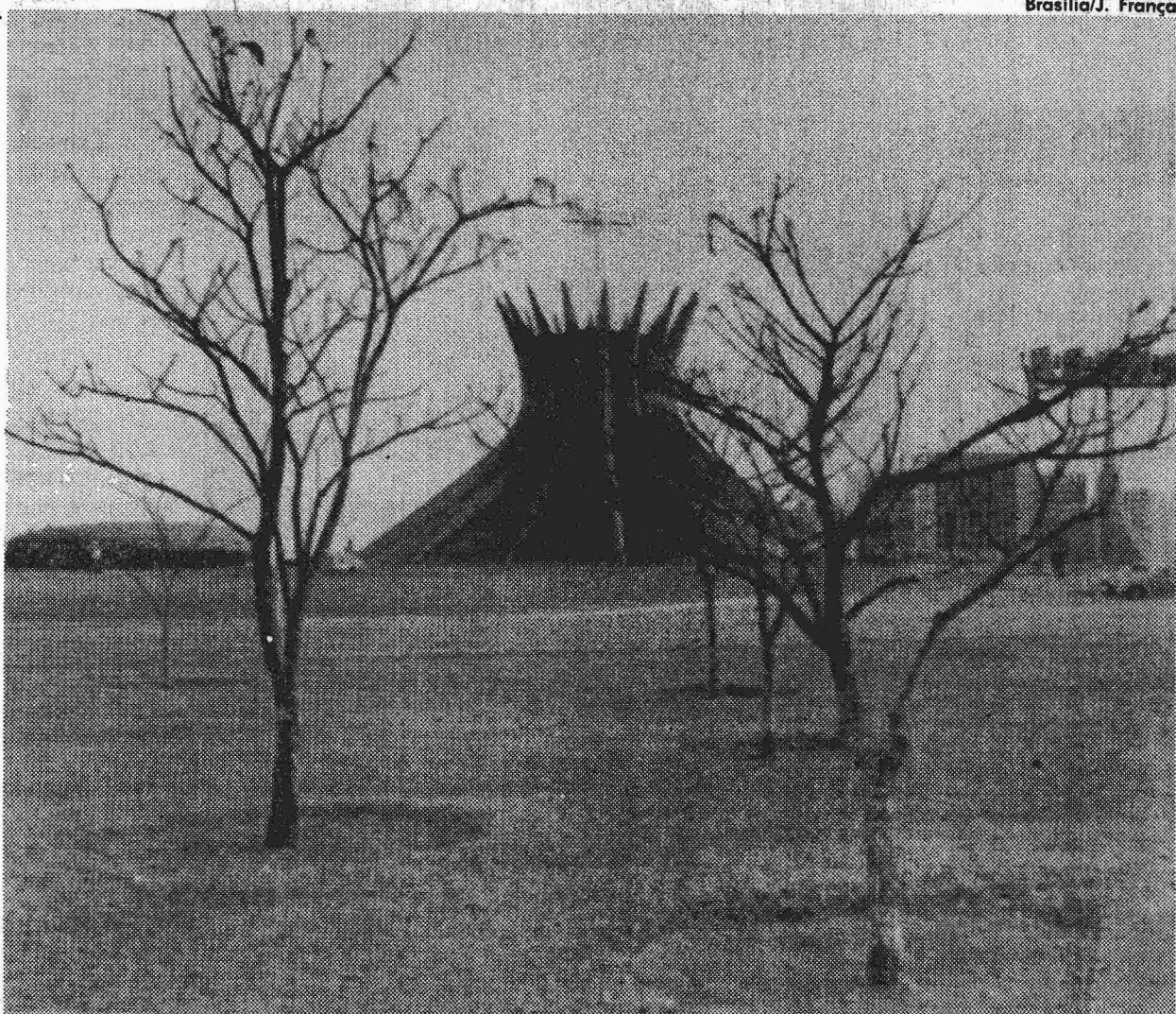
## Inferno da Torre

Somente este mês, a seção de controle de roedores, do Instituto de Saúde do Distrito Federal, já realizou 3 mil 500 inspeções em blocos residenciais, descobriu 2 mil focos de ratos e combateu 3 mil ninheiros, principalmente no interior das galerias de águas pluviais, que estão secas, neste período do ano. O órgão utiliza um veneno anticoagulante que provoca a morte do rato por hemorragia interna, evitando a sua putrefação.

Para localizar os incêndios que ocorrem no cerrado — uma média diária de 25 a 30 neste período — o Corpo de Bombeiros colocou no alto do mirante da Torre de Televisão, munida de binóculos, uma equipe que se reveza durante as 24 horas do dia. O comandante do Corpo de Bombeiros, Coronel Manoelito Lemos Barreto, mandou afixar várias placas pela cidade recomendando aos motoristas o uso dos cintos de seus automóveis para evitar os incêndios provocados por pontas de cigarro.

Apesar do longo período de estiagem e do elevado índice de evaporação pela baixa umidade do ar, Brasília não ficará sem água para sua população nem para abastecer os carros-pipa do Corpo de Bombeiros. A previsão é da Companhia de Água e Esgotos, CAESB, que conta como certo o reinício das chuvas em setembro. Desde a inauguração de Brasília, em 1960, somente nos anos de 1963 e 1974 não choveu na cidade, em setembro.

Para prevenir, a CAESB está alertando a população para evitar o desperdício. Na cidade-satélite de Ceilândia, a mais pobre do Distrito



Galhos secos: eis a que está reduzida a arborização da Capital nesta época do ano

## caderno

**B**

Federal, os moradores utilizam a água até para molhar as ruas empoeiradas e as telhas de amianto de suas residências, para amenizar o calor. Enquanto isso, no setor residencial do Lago, onde existe o maior número de piscinas por residências no país, a água é utilizada também para molhar os jardins.

Pode parecer incrível, mas este é o inverno de Brasília: poeira, grama seca, ratos e, o pior, os pernilongos que invadem as casas à noite. A única explicação para este período seco de Brasília é dada pelo diretor do Serviço de Meteorologia, Mauri-

lio Sampaio, e em linguagem eminentemente técnica.

— O excessivo calor do dia impede a passagem, pelas cordilheiras, da massa tropical atlântica vinda do litoral. A parte úmida dessa massa fica a paravento das serras e somente a parte seca, mais elevada, é depositada a sotavento, provocando a baixa umidade da região, principalmente nas horas mais quentes do dia, entre 12 e 15 horas.

Como que para compensar a falta de umidade e o calor do dia, as noites de Brasília são frias. Isso é consequência não só de sua altitude — 1 mil 200 metros acima do nível do mar — mas também do mesmo fenômeno que ocorre nas regiões desérticas, semelhantes às do cerrado, de vegetação rala e retorcida. Nesta época, em Brasília, não existem nuvens no céu nem nebulosidade, apenas o sol, que permanece por maior número de horas sobre a terra, ressecando o gramado e elevando o índice de inflexibilidade da vegetação. O Serviço de Meteorologia enquadra o Planalto Central brasileiro como uma região de “monotonia climática” — sequência de climas iguais — com período de chuvas de setembro a fevereiro e de seca, de março a agosto.

A criança em Brasília está mais exposta a contrair diarreia e gastroenterite provocadas pela desidra-

tação. Por isso, nesta época do ano, os médicos recomendam que se dê às crianças uma maior quantidade de líquido que não contenha açúcar e a substituição do alimento que provoca um dispêndio maior de água interna por sopas, além da umidificação do ambiente, utilizando para isso vaporizadores, bacias com água e panos molhados para evitar que o pó fique em suspensão.

Para os adultos, o problema maior está nas vias respiratórias, pois o clima seco é propício à proliferação de vírus gripais, responsáveis pelo aumento de casos de pneumonia. O chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Ministro Leitão de Abreu, só consegue se livrar de sua rinite alérgica quando viaja para o Rio Grande do Sul ou para locais onde a umidade do ar é maior.

As pessoas que usam lentes de contato gelatinosas, como a secretária do próprio Ministro Leitão de Abreu, Mercedes, são obrigadas a estar sempre próximas de um vaporizador. Também neste período seco, a luminosidade se torna mais intensa, provocando um certo desconforto para as pessoas portadoras de conjuntivite, como o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, que passou também a usar óculos escuros sempre que está na rua.

O ex-Deputado José Bonifácio “fugia” de Brasília nesta época do ano, embora mineiramente não reclamasse do clima, mas da falta de esquinas. Também na Oposição, alguns deputados não se adaptam ao clima de Brasília, como Edson Kahir, do Rio de Janeiro, que prefere o calor úmido das praias ao frio seco e artificial dos gabinetes do Congresso. O presidente do PDS, Senador José Sarney, acostumado à umidade do Maranhão, tem em seus dois gabinetes — no Senado e na sede do Partido — aparelhos de vaporização constantemente ligados.

O assessor de imprensa do Ministro da Justiça, Oyama Telles, com problemas respiratórios, o que ele chama de “falta de ar”, só consegue dormir nos fins de semana no Rio de Janeiro, para onde viaja, invariavelmente, todas as sextas-feiras. Mais desesperado, por não ter para onde viajar, o vendedor de livros Jorge de Souza Mendes, 28 anos, que trocou há 9 anos Cuiabá por Brasília, vê sua asma se agravar a cada ano na Capital. Nos dias de crise, ele procura o pronto-socorro mais próximo para uma injeção de aminofilina glicosada.

Mas esses são casos raros de inadaptação ao clima, porque os habitantes da cidade — quase todos de outros Estados — não trocam mais Brasília por suas cidades de origem. É claro que, na maioria dos gabinetes e nas residências, as pessoas não dispensam o vaporizador. Para justificar a tese de que “o homem é um animal que se adapta a qualquer região”, o diretor do Serviço de Meteorologia, Maurílio Sampaio, recomenda que se pergunte isso aos habitantes do Vale da Morte, nos Estados Unidos, onde a umidade do ar atinge a marca de 9%.